

A PRODUÇÃO, PROMOÇÃO E DIVULGAÇÃO EM LÍNGUAS BANTU MOÇAMBICANAS: *BULU NA MUFUNDHISI*¹ BENTO SITEO

PRODUCTION, PROMOTION AND DISSEMINATION IN BANTU MOZAMBICAN LANGUAGES: *BULU NA MUFUNDHISI* BENTO SITEO

PRODUCCIÓN, PROMOCIÓN Y DIFUSIÓN EN LEGUAS BANTU MOZAMBIQUE: *BULU NA MUFUNDHISI* BENTO SITEO

“Escrevo em Changana, minha língua materna, porque é uma língua muito rica, uma língua muito bela [...] Cada língua de Moçambique é uma pétala que compõe uma bela flor [...] A rega desta flor não deve ser pétala a pétala, mas da flor como um todo!” (SITEO, 2016).



Foto: AEMO (2016)

Entrevista de Alexandre António TIMBANE* e de Ezra Alberto Chambal NHAMPOCA**

¹ “Conversa com o professor” (tradução livre de Changana).

Introdução

Moçambique é um país lusófono que apresenta uma diversidade linguística vasta. Para além do português, em Moçambique se fala cerca de vinte línguas do grupo bantu (TIMBANE, 2012, 2014a, 2014b; NHAMPOCA, 2015). As línguas bantu mais faladas são o Emakhuwa (25,3%), Xichangana (10,3%) e Cisena (7,5%) segundo Instituto Nacional de Estatística (2007). Segundo Siteo (1996) a língua changana (S.53) pertence ao grupo Tswa-ronga (S.50) onde, para além do changana, fazem parte o ronga (S.54) e tswa (S.51).

A presente entrevista visa a colher informações e conhecimentos importantes sobre a produção, a promoção e a divulgação das e em línguas bantu, em particular ao Changana e o Ronga no contexto moçambicano. O Professor Bento Siteo é Doutor em Linguística africana pela Universidade de Leiden (Holanda) em 2001, docente e investigador na Universidade Eduardo Mondlane, no Departamento de Linguística e Literatura, lecionando as disciplinas de Linguística Comparativa, Linguística Descritiva das Línguas Bantu, Lexicografia, Tradução e Literatura em línguas africanas nos cursos de graduação e pós-graduação. O entrevistado publicou mais de trinta (30) títulos em artigos e livros, dos quais se destacam: “Dicionário Changana-Português” (1996) revisto, ampliado e reeditado em 2012, “Dicionário Ronga – Português”, “Dicionário Escolar Inglês-Português” (como coautor), três novelas em Changana, a saber: “*Zabela: uma juventude desperdiçada*” (1984), traduzida para o Inglês, em 1996 e reeditada numa versão bilingue, Changana – Português em 2013, “*Musongi*” (1985) e “*Thandavantu*” (1995) e de peças teatrais na mesma língua.

O Professor Siteo é um nome importante e imprescindível na linguística africana, em particular na linguística moçambicana com

* Doutor em Linguística e Língua Portuguesa, Professor e Pesquisador Visitante Estrangeiro na Universidade Federal de Goiás, Regional Catalão e atua no Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem. Contato: alextimbana@gmail.com.

** Docente na Secção de Línguas Bantu da Universidade Eduardo Mondlane-Moçambique e Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina (USFC) -Brasil, Bolsista do CNPq. Contato: ezranyampoka@gmail.com.

várias publicações, em que se destacam trabalhos tais como “Motivação semântica e sócio-cultural na organização das classes nominais: sua influência sobre a sintaxe: o caso do Changana” (1999), “O impacto da ‘reação simultânea’ na prática lexicográfica” (2007), “Verbs of motion in Changana” (2001), “Relatório do II seminário sobre a padronização da ortografia de línguas moçambicanas” (2000). Neste momento, o professor está na fase final da elaboração do “Dicionário Português-Changana”, que chegará ao público em breve. Por estas e outras qualidades entendemos que o professor Siteo possa trazer uma contribuição valiosa na discussão de temas ligados às línguas bantu moçambicanas que estão em desvantagem política se compararmos com o Português, língua oficial. A entrevista com Bento Siteo (BS) foi realizada por Timbane e Nhampoca (T/N) pesquisadores moçambicanos interessados em discutir e aprofundar questões linguísticas em Moçambique:

T/N: Quando o Senhor Professor se interessa pela pesquisa sobre línguas bantu moçambicanas?

BS: Nos finais da década 1970, o Núcleo de Estudo das Línguas Moçambicanas (NELIMO), do então Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Letras, da Universidade Eduardo Mondlane, integrou-me como um dos seus colaboradores na área de pesquisa sobre línguas bantu. A minha contribuição incidiu sobre a descrição das línguas do grupo Tsonga (Ronga, Changana e Tshwa), sobretudo da língua changana. Tinha já feito algum estudo e escrito sobre esta língua. No início da década 1980, já como Leitor desta língua, senti a necessidade de aprofundar os meus conhecimentos sobretudo na área de lexicografia. Foi em Varsóvia que fiz o Mestrado em Linguística Africana, na vertente de Lexicografia bilingue envolvendo línguas bantu. Não se faz Lexicografia sem um conhecimento aprofundado em Linguística. Em Leiden, obtive o Doutoramento em Linguística Africana.

T/CN: Quantas línguas existem e quantas estão em vias de extinção em Moçambique?

BS: Tem sido difícil determinar com exactidão quantas línguas bantu são faladas em Moçambique. As línguas vivas nunca são homogéneas. Para complicar mais a já complexa situação linguística de Moçambique, há variedades que, em termos linguísticos, podem ser consideradas dialectos de uma única língua mas que, por razões políticas e outras, são tidas como línguas distintas. Por exemplo, Ronga, Changana e Xitshwa exibem um alto grau de inteligibilidade e comungam muitos traços morfo-sintácticos mas são consideradas línguas distintas. Isto faz oscilar tremendamente o número de “línguas” no país, número esse que oscila entre 17 e 23 línguas.

Estarão algumas destas línguas em via de extinção? A resposta é sim e não. Explico: os dados do III Recenseamento Geral da População e Habitação de 2007 indicam que a maior parte dos recenseados com 5 anos ou mais (85.2%) tem uma língua bantu como sua língua materna. Isso quer dizer que, apesar de a língua portuguesa ser a única língua oficial, os moçambicanos conduzem a sua vida nestas línguas, inclusivamente em instituições oficiais.

A relação diglòssica entre o Português e as línguas bantu poderia levar à extinção destas, mas as acções que estão a ser desenvolvidas no país e que visam a sua preservação, fazem-nos acreditar que um tal cenário não possa acontecer. Na Constituição do país, no seu Artigo 9, Lê-se: “O Estado valoriza as línguas nacionais [bantu] como património cultural e educacional e promove o seu desenvolvimento e utilização crescente como línguas veiculares da nossa identidade.” Isto abriu uma janela para o uso destas línguas na educação (no ensino bilingue ao nível primário, na formação de professores de línguas bantu em universidades e instituições de formação de professores, etc.); na saúde (cartazes e brochuras, programas radiofónicos, etc.); nos meios de comunicação (rádio e televisão). As igrejas, organizações não-governamentais e outras, têm usado progressivamente as línguas moçambicanas nos seus mais diversos níveis. Há um notável esforço de produção e divulgação de materiais educativos e de entretenimento um pouco por todo o país.

Aspecto digno de nota é o crescente interesse que as camadas mais jovens têm mostrado pelo conhecimento e uso das línguas dos seus pais, mesmo nos meios urbanos. O crescimento do número de falantes de Português não significa necessariamente o desaparecimento das línguas bantu.

T/N: O professor é autor de dois dicionários: dicionários Changana-Português e Ronga-Português. Explique como foi o trabalho da junção do *corpus*? Como foi organizar essas obras?

BS: Devo confessar aqui que foi um processo longo de pesquisa que conduziu à elaboração do dicionário Changana-Português, finalmente publicado em 1996, uns doze anos depois de ter sentido a necessidade de ajudar os meus estudantes do curso livre de Changana para não falantes. Tinha produzido um manual para este curso que em cada lição apresentava um pequeno vocabulário. Mas durante as referidas aulas, eu era constantemente “bombardeado” pela pergunta: “Como se diz X em Português?” e, não poucas vezes, “O que significa a palavra changana Y?” Um e outro pequeno vocabulário publicado por missionários e funcionários do aparelho colonial nem sempre respondiam a estas perguntas. Era imperioso produzir um dicionário. Na época, dispúnhamos de poucos recursos tecnológicos e informáticos. Lembro-me de ter usado como suporte para arquivo dos meus dados uma caixa de sapatos! Guardava ali notas e dados preciosos para o dicionário e também para a minha produção literária. Depois veio o famoso *Shoebox*, um programa informático produzido e baptizado com este nome pela Sociedade Internacional de Linguística (SIL), provavelmente em homenagem aos pioneiros da Lexicografia que passariam da simples caixa de sapatos para um processador de dados mais rápido, prático e seguro!

Para o *corpus* deste dicionário, reuni material vindo de diversas fontes: documentos escritos (vocabulários, compêndios de gramática e manuais de curso, literatura religiosa); obras etnográficas e de linguística; obras literárias (vindas da África do Sul, onde a língua changana também é falada); entrevistas (em que participaram agricultores, escriturários, curandeiros, mecânicos, motoristas, pedreiros, ex-mineiros, professores primários, juizes eleitos, secretários

de organizações democráticas, deputados etc. Os temas abordados incluíam vários aspectos da vida do campo, a religião, o comércio, a política, termos de parentesco, leis de herança e sucessão etc.); programas radiofónicos (que permitiram o acesso à terminologia usada pelos profissionais da rádio na descrição de fenómenos políticos e sócio-económicos do passado e da actualidade, bem como o registo dos aspectos culturais e artístico-estilísticos nesta língua). Este dicionário foi revisto, ampliado e reeditado em 2012. Neste momento está no prelo o tão esperado “Dicionário Português-Changana”! O “Dicionário Ronga-Português”, publicado a seguir, foi resultado de um projecto concebido para a formação de colegas meus nesta área fascinante da Lexicografia

T/N: Qual é a complexidade (facilidades e dificuldades) de elaborar dicionário do Changana no contexto de Moçambique?

BS: Disse algures que as línguas nunca são homogéneas. Muitas vezes são uma colecção de muitas variedades. A língua changana, por exemplo, é, nesta óptica, uma colecção do Changana falado no campo, na cidade, pelos mais velhos e pelos jovens, num vasto território que cobre as províncias de Maputo e Gaza e parte de Inhambane, Manica e Sofala. É ainda falado na África do Sul e no Zimbabwe.

Em Moçambique, actualmente é difícil estabelecer a localização mais precisa das variedades do Changana devido a grandes e frequentes movimentações das populações, havendo mesmo uma considerável diluição de fronteiras entre elas. O dicionário changana centra-se na variante dialectal considerada central, o Dzonga. Mas mesmo esta variante vem sofrendo transformações derivadas do fenómeno natural de mudança linguística e sobretudo do contacto com outras variantes vizinhas. No dicionário teve-se o cuidado de, onde possível e pertinente, assinalar-se a que variante pertence uma determinada unidade lexical “domesticada” pela variante de referência.

T/N: O professor é membro da *Linguistics Association of SADC Universities* e da *African Language Association of Southern Africa* e colabora com o *Centre for Advacend Studies of African Society*. Como é tratada a questão das línguas bantu nessas organizações?

BS: Pela sua natureza, estas organizações velam pela promoção do estudo, divulgação e promoção do uso das línguas africanas. Periodicamente, os “*bantuístas*” encontram-se para compartilhar os resultados das suas pesquisas nas áreas de Linguística, Literatura, Cultura etc. É no seio destas organizações que os pesquisadores africanos consolidam a sua visão identitária, estreitam relações e aprendem a *falar em unísono*.

É digno de nota o importante trabalho que se vem desenvolvendo no continente africano em geral, e na África Austral em particular, em prol da harmonização da ortografia das línguas transfronteiriças. Tenho contribuído nesta área (em colaboração com os colegas de universidades moçambicanas e de universidades dos países vizinhos) com propostas de harmonização e divulgação da escrita das línguas bantu. A minha contribuição inclui orientação de seminários tanto em Moçambique como na África do Sul.

T/CN: O que pensa sobre a educação bilíngue em Moçambique. Ajuda ou atrapalha as crianças?

BS: A Constituição da República de Moçambique (2004) veio favorecer o uso das línguas bantu na educação, no domínio da alfabetização de adultos bem como no programa de educação bilíngue. Não faltaram dificuldades: um dos principais problemas que a educação bilíngue enfrenta está ligado à formação (em quantidade e qualidade) de professores; à produção e distribuição de materiais de ensino e aprendizagem em línguas moçambicanas; e ao desenvolvimento de metalinguagem e terminologia técnico-científica nestas línguas. Felizmente, apesar destas e de outras dificuldades, e por vezes remando contra a maré, a educação bilíngue está a contribuir para a modernização e elevação do estatuto das línguas moçambicanas e das práticas culturais ao (re)humanizar os seus falantes.

A educação bilíngue não atrapalha a criança. Pelo contrário, ensina a criança a pensar, a sentir-se parte do sistema e a funcionar como elo de ligação entre a escola e a comunidade. É a criança do ensino bilíngue que leva à discussão, com os pais e os avós à volta da fogueira, as matérias aprendidas na escola. Muitos pais aprendem a ler e a escrever e aprendem a usar novos termos nas suas línguas nativas através dos seus próprios filhos e sentem-se orgulhosos por reconhecerem que afinal as suas línguas são capazes de preencher as necessidades de comunicação (também) nos domínios técnico e científico.

Assim, ao estudarem as suas línguas maternas de modo formal e oficial, as crianças já estão a agir sobre essas línguas como especialistas e agentes reguladores no seio das comunidades, papel que certamente irão fortalecendo à medida que forem crescendo. Vale a pena dizer aqui que, à luz do exposto, a educação bilíngue não deve ser entendida como um mero trampolim “para uma boa aprendizagem do Português”!

T/N: O professor é autor da poesia “Kutlalamba ka hava”. Será que os falantes do Xichangana leem a obra? Está disponível nas livrarias de Moçambique?

BS: Infelizmente, por falta de jornais e revistas em línguas bantu no nosso país, os poemas têm sido ditos na rádio (e ultimamente em alguns programas televisivos) e em eventos restritos e públicos (incluindo os de ordem oficial). Do meu conhecimento, apenas um autor moçambicano logrou ver os seus poemas publicados em livro: Gabriel Macabi. E teve que se socorrer de uma editora sul-africana filiada a uma igreja!

Algumas editoras começaram a publicar (ainda com passo titubeante) textos em línguas bantu, mas sobretudo em forma de contos e pequenos textos educativos. Para que este tipo de obras literárias não continue a cobrir-se de pó nas gavetas dos seus autores, urge encontrar e consolidar meios de trazê-las à luz do sol.

Deixo aqui um desafio para a Associação dos Escritores Moçambicanos (AEMO): a promoção de concursos literários em línguas moçambicanas, cobrindo a recolha de contos, provérbios e

obras de ficção (poesia e prosa). O prémio seria a publicação dos melhores trabalhos. Para que isto aconteça, entre outras coisas, a AEMO pode criar condições para a capacitação dos concorrentes tanto na grafia das suas línguas como nos requisitos básicos para a arte de bem escrever.

T/N: O Sr. lançou “Zabela” (1984) e depois uma edição bilingue deste, “Musongi” (1985) e “Thandavantu” (1995). Qual é o impacto dessas obras em Moçambique? E internacionalmente?

BS: Gostaria de deixar aqui um recado: Investigo, ensino, escrevo em língua(s) bantu com prazer e alegria e sobretudo seguro de estar a trabalhar para uma causa justa e nobre. Mais ainda: Faço tudo isto pelas línguas bantu, sem precisar de hostilizar nem a língua portuguesa nem aqueles que a falam!

E acho que não estou a exagerar se disser que houve também alguma coragem nesta minha postura. Não nos podemos esquecer que a minha novela “Zabela” apareceu numa altura em que era quase proibido defender as línguas bantu como línguas da comunicação oficial (incluindo nas escolas) e num contexto em que ser reconhecido como escritor parecia estar automaticamente ligado a escrever em Português. Ignorei e desafiei estas regras do jogo e hoje reconheço que valeu a pena!

Em pouco mais de seis meses, tinham sido vendidos 10000 exemplares de *Zabela*. Considero isto não um mero sucesso de venda. Não há dúvida de que, ao consumir com esta rapidez e avidez esta novela, a comunidade estava a mostrar quão importante era e é, para a sua afirmação (e para a sua auto-estima), ter um porta-voz dos seus valores culturais e sociais. Acredito que os meus escritos têm colocado e elevado a um patamar artístico tradições e dilemas internos suscitados por essas tradições.

Zabela surge depois na sua versão inglesa sob o título *Zabela: my wasted life* com algum impacto internacional. Em 2013, ressurgiu numa edição bilingue Changana-Português. Tenho sido convidado a vários países para falar da minha produção literária, sobretudo da minha opção de escrever numa língua bantu. A resposta tem sido esta: «Escrevo em Changana, minha língua materna, porque é uma língua

muito rica, uma língua muito bela. Escrevo em Changana porque acredito que o plurilinguismo nacional é uma realidade que não nos deve assustar com fantasmas do passado. Cada língua de Moçambique é uma pétala que compõe uma bela flor. O encanto desta flor está precisamente na diversidade cultural/linguística das pétalas que a compõem. Por isso importa que se dê a mesma atenção a todas as línguas para que cresçam de uma forma harmoniosa. A rega desta flor não deve ser pétala a pétala, mas da flor como um todo!»

T/N: Qual foi o impacto das peças teatrais que o Sr. escreveu?

BS: A novela *Musongi* foi adaptada para teatro radiofónico. Servindo-me da rádio, difundi mais três pequenas peças de teatro: *Mfolokwana* (sobre o impacto da escola nas zonas rurais); *Motobomba* (sobre a tenacidade com que os camponeses têm sabido enfrentar as calamidades naturais) e *Yava-Yava* (sobre os males do alcoolismo). *Yava-Yava* é o título dado à adaptação de *Thandavantu*. Lembro-me de rádio-ouvintes que reservavam ciosamente a segunda-feira às 19 horas para a escuta destas e de outras peças teatrais em Changana. O programa incluía um debate à volta de cada episódio. Choviam telefonemas à rádio!

Produzi peças de pequena duração abordando temas de índole educativo para a recuperação de valores morais e cívicos no seio de comunidades religiosas. Estas peças alimentam debates no seio de jovens, entre pais e filhos e entre maridos e mulheres, conforme os temas tratados, e acredito que provocam mudança de atitudes no seio destas comunidades.

T/N: Quais são as perspectivas futuras em prol das línguas bantu moçambicanas?

BS: A reflexão em torno de ideias como democracia, desenvolvimento, empoderamento das comunidades etc. sugere que, entre outras coisas, é necessário preservar, respeitar e valorizar tudo o que fortalece a sua identidade cultural, incluindo a língua. O desenvolvimento de uma democracia e da unidade nacional do país depende directamente do acesso, por parte dos seus cidadãos, à participação política efectiva nos

domínios tais como ensino, governação, legislação, tribunais etc., o que só pode acontecer se as línguas desses cidadãos são línguas que facilitam tal acesso.

A valorização efectiva das línguas moçambicanas depende escrupulosamente da criação e legislação de uma Política Linguística Moçambicana, em que se conceda às línguas bantu o direito de língua oficial por região de sua predominância. Tendo em conta que a oficialização de uma língua implica o seu uso em todas as situações de carácter oficial, um trabalho de preparação se impõe, para que as línguas regionais possam preencher cabalmente a sua função.

A promoção de uma língua passa não só pela legislação. Está directamente relacionada com o orgulho e a lealdade dos seus falantes. Em segundo lugar, o processo é de baixo para cima: precisa do apoio dos seus falantes. Mas o reconhecimento da importância que o uso das línguas moçambicanas tem para o futuro social e para o avanço económico dos seus falantes é apenas o primeiro passo. O segundo passo é o da implantação das estruturas necessárias que vão na prática promover a realização do desenvolvimento e crescimento das línguas bantu de Moçambique.

A educação bilingue deve ser merecedora da confiança de todos e todos se devem apropriar dela. Por isso deve-se dar continuidade ao trabalho de advocacia visando angariar o apoio da sociedade moçambicana para que todos adiram à modalidade que se revela bastante vantajosa para a educação em Moçambique. Se calhar, a solução não é educação em línguas moçambicanas nas zonas rurais mas sim educação em línguas moçambicanas para todos, em todos os tipos de escolas e do ensino básico ao superior. Os resultados até agora obtidos provam que, para melhorar a qualidade de ensino em Moçambique, só há um caminho a seguir: expansão horizontal e vertical da educação bilingue, observadas as recomendações produzidas pelos diversos estudos e avaliações da educação bilingue em Moçambique e no mundo em geral. Em suma: Temos que “fazer da escola uma base para o povo tomar o poder!”, como dizia o saudoso Samora Machel²!

² Samora Machel (1933-1986) foi o primeiro presidente de Moçambique independente. Foi líder revolucionário de inspiração socialista, que liderou a guerra de luta contra o

Esta promoção das línguas moçambicanas é uma responsabilidade conjunta. Deve ser em articulação com os centros decisores e legislativos do país, com os centros de produção do Saber, com as autoridades públicas, com a sociedade civil/ONGs, incluindo instituições internacionais especializadas, como a UNESCO e a Academia Africana de Línguas (ACALAN), entre outras.

Por outro lado, para desenvolver as línguas moçambicanas, precisamos de professores, de manuais, livros, escolas, jornais, rádio e televisão nestas línguas. Isso conservará e desenvolverá a cultura milenar das etnias por mais pequenas que sejam. A humanidade não tem o direito de perder essas culturas. Os homens de letras não têm o direito de se alhear destes processos de dimensão sociocultural incalculável. Aliás, devem encabeçar esses processos. Não há outro caminho. Um intelectual que não sente isto com o coração está morto! “É este multilinguismo e multiculturalismo que corporiza o ideal da **unidade na diversidade**, concebido não como um obstáculo à unidade das nações mas, pelo contrário, como um recurso valioso a ser capitalizado pelos seus cidadãos.” (Cito Gonçalves e Chimbutane, na sua recente obra “Multilinguismo e multiculturalismo em Moçambique: em direcção a uma coerência entre discurso e prática”, 2015, p. 155).

Referências

ASSOCIAÇÃO DOS ESCRITORES MOÇAMBICANOS (AEMO). **Biografias, Bento Siteo**. Maputo, 24 de fevereiro de 2016. Disponível em: <<http://aemo.online/bento-siteo/>>. Acesso em: 12 dez. 2016.

GONÇALVES, Perpétua; CHIMBUTANE, Feliciano. **Multilinguismo e Multiculturalismo em Moçambique**: em direcção a uma coerência entre discurso e prática. Maputo: Alcance Editores, 2015.

colonialismo sucedendo Eduardo Mondlane, primeiro presidente da Frente de Libertação de Moçambique. A governação de Machel ocorreu de 1975 a 1986.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA DE MOÇAMBIQUE.
Recenseamento geral da população e habitação. Maputo: INE,
2007.

MOÇAMBIQUE. **Constituição da República de Moçambique.**
Maputo: Imprensa Nacional, 2004 [1975].

NHAMPOCA, Ezra Alberto. Um estudo preliminar sobre alguns aspectos da morfologia dos ideofones do changana. **Linguasagem**, São Carlos, v. 24, nº1, s. p. 2015. Disponível em: <http://www.linguasagem.ufscar.br/index.php/linguasagem/article/view/51/pdf_2>. Acesso em: 10 nov. 2016.

SITOE, Bento. **Zabela: uma juventude desperdiçada.** Maputo: Cadernos Tempo, 1984.

_____. **Musongi.** Maputo:AEMO, 1985.

_____. **Thandavantu.** Maputo: Ed.Associados, 1995.

_____. **Dicionário Changana-Português.** Maputo: INDE, 1996.

_____. **Zabela: my wasted life.** Trad. Renato Matusse. Harare: Baobab Books, 1996.

_____. **Motivação semântica e sócio-cultural na organização das classes nominais, sua influência sobre a sintaxe: o caso do Changana.** Maputo: FLCS/UEM, 1999.

_____.; NGUNGA, Armindo. (Ed.). **Relatório do II seminário sobre a padronização da ortografia de línguas moçambicanas.** Maputo: NELIMO/UEM, 2000.

_____. **Verbs of motion in Changana.** Leiden: Research School CNWS, 2001.

_____. O impacto da “reação simultânea” na prática lexicográfica. **IX Conferência the Linguistics Association for SADC Universities: Linguística, Diversidade Cultural e Integração Regional**. Maputo, 27 e 29 de novembro de 2007 (Comunicação).

_____. **Zabela: uma juventude desperdiçada**. Trad. Feliciano Chimbutana. Maputo: JV Editores, 2013.

TIMBANE, Alexandre António. Os empréstimos do português e do inglês na língua xichangana em Moçambique. **Linguagem: estudos e pesquisas**. Catalão-GO, v. 14, nº 2, p. 29-55. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/lep/article/view/33528/17734>>. Acesso em: 05 dez. 2016.

_____. Análise sociodiscursiva da saudação do grupo étnico-linguístico tsonga de Moçambique. **Revista Educação, Cultura e Sociedade**, v. 4, nº1, p. 90-105, 2014a.

_____. A lexicultura no português de Moçambique. **Linguagem: estudos e pesquisas**. Catalão-GO, v. 18, nº 2, p. 43-59. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/lep/article/view/39577/21158>>. Acesso em: 05 dez. 2016.

Recebido em: 14 de novembro de 2016

Aceito em: 05 de dezembro de 2016